

Universidade do Porto/Faculdade de Letras
Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados da História Medieval e do Renascimento
Seminário: Cristandade e Guerra
Docente: Luís Miguel Duarte

CASTELO DE MONTALEGRE – UMA BREVE ANÁLISE ARQUITECTÓNICA E TOPOGRÁFICA

DE ARMAS, Duarte – *O Livro das Fortalezas*, ps. 97, 98 e 128, Edições INAPA, fac-símile do Ms. 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, ISBN 972-9019-26-6, Lisboa, 1990



Legendas: *Castelo de Montalegre*; Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

Nome: Maria Alexandra Braga Teixeira Monteiro
Data: Março 2005

Serve o presente trabalho o propósito de elaborar uma análise descritiva do Castelo de Montalegre, sito na mesma cidade. Com esse objectivo, é utilizada como principal fonte analítica a mais importante obra de estudo dos castelos e fortalezas existentes em Portugal – *O Livro das Fortalezas*, da autoria de Duarte D’Armas.

A escolha desta fortificação em particular derivou de dois factores principais: a sua incontestável importância como primeira linha de defesa da fronteira com Castela; e, a sua complexidade arquitectónica, facto que coloca o Castelo de Montalegre como um objecto de estudo particularmente interessante no âmbito da arquitectura militar medieval portuguesa.

A primeira parte deste trabalho uma análise da edificação, tal como consta d’*O Livro das Fortalezas*.

Seguidamente, é apresentada a história do Castelo, bem como a sua descrição, tal como consta do Inventário do património Arquitectónico, da autoria de Isabel Sereno. São igualmente incluídas imagens em CAD relativas a pormenores da muralha.

1. O Castelo de Montalegre segundo o *Livro das Fortalezas* de Duarte D’Armas

O desenho do Castelo de Montalegre, na obra citada representado ao tempo do alcaide-mor João de Sousa, mostra do lado Sul e em primeiro plano, na zona dos arrabaldes, uma extensão de casas. O castelo é lardeado por uma forca a SE (entre este e a vila) e pelo castelo de Portela a NW.

Em primeiro plano, vê-se a barbacã extensa e ligeiramente arruinada, onde se encontra a vila e com uma porta virada para SW e outra para SE. Segue-se a linha de muralhas, a qual inclui três torres (duas das quais com telhado) e um cubelo de seteiras cruciformes. Tudo isto é completado com ameias. A torre de menagem tem três pisos. Possui matacão, balcões, telhado e ameias.

Do lado Norte, vê-se em primeiro plano uma ribeira e uma forca a SE. A barbacã tem uma porta e metade já não existe. A torre de menagem aparece adocada à muralha com os seus balcões, matacões e ameias. À sua esquerda, e flanqueada por uma torre com ameias e telhado, encontra-se a porta da traição. Do lado direito, pode-se observar parte da muralha e dois cubelos, os quais flanqueiam a porta de armas. Todo este último conjunto, apresenta seteiras de tipo cruciforme. Entre a torre de menagem e a torre à

esquerda, é possível observar outra torre situada na parte sul do castelo. Do lado SE e ainda na encosta, é visível parte da vila de Montalegre.

A partir da planta, o castelo apresenta um esquema circular, onde aparecem claramente os acrescentos ao plano da construção original, nomeadamente o pano de muralha relativo aos cubelos e as duas linhas da barbacã, correspondendo a última desta ao muro da vila, o qual se encontra com a outra a N e a L. Aparecem nitidamente três torres e dois cubelos.

Relativamente à muralha circular original, esta tem de altura 7 varas e 1 palmo sendo a largura de 2 varas. Nela estão inseridas as três torres, além da torre de menagem: A torre sul tem 3 pisos, medindo 14 varas de altura e 2 de largura. Mede de lado 4 varas por 3 varas e 1 palmo. A torre SE tem 2 pisos, está bem conservada e tem 13 varas de altura e 1 vara bem medida de largura. De lado tem 3 varas e 2 palmos por 4 varas bem medidas. A torre L tem um piso e telhado, 10 varas de altura. Mede 3 varas por 2 varas e 2 palmos. Entre a torre de menagem e a torre S, distam 36 varas bem medidas. A SW, encontra-se a porta da traição. Entre esta torre e a torre SE, distam 3 varas e 1 palmo. Daí até à torre L, 3 varas. Finalmente, entre esta torre e o início da muralha ligada aos cubelos, encontram-se 27 varas e 2 palmos.

O muro da barbacã encontra-se ligado aos cubelos. Tem 5 varas de altura e 2 palmos e 1 vara bem medida de largura.

Os cubelos estão virados a NE. São abobadados e têm 6 varas e 2 palmos de altura. Entre eles, encontra-se a porta principal. Estes estão ligados à torre de menagem a N e à muralha circular a L através de outro pano de muralhas, este quadrangular. É através deste que se tem acesso aos adarves através de uma escada. Entre o cubelo do lado L e a muralha circular distam 12 varas bem medidas. Entre a porta e a esquina da muralha, encontram-se 9 varas e 2 palmos. A distância desta esquina até à torre de menagem é de 8 varas.

A torre de menagem apresenta 4 balcões e 2 matacões. Esta é maciça até à muralha e tem daí para cima 2 pisos. É abobadada em cima e tem de altura 22 varas bem medidas. A largura da muralha aí é de 2 varas bem medidas. A escada de acesso encontra-se do lado sul da torre. Mede 10 varas de cada lado.

A escada de acesso aos adarves encontra-se a W, com 3 divisões encostadas à muralha logo à sua esquerda. A NE, encontram-se outras 5 divisões, igualmente encostadas à muralha, às quais se pode ter acesso através de uma escada.

O poço, de forma quadrangular, encontra-se a SE. O acesso á água é conseguido através de uns degraus e tem de altura 26 varas. Tanto o poço como o resto da fortaleza são em canto talhado (pedra talhada).

2. Anexo

Finalmente e a título comparativo, segue em anexo a descrição e história do castelo, tal como está descrito nas seguintes fontes:

1. Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
2. Profissionais de CAD – trabalhos de topografia em monumentos

1. Inventário do Património Arquitectónico Castelo de Montalegre:

IPA – Monumento

NºIPA - 1706150003

Designação - Castelo de Montalegre

Localização - Vila Real, Montalegre, Montalegre

Acesso - Montalegre

Protecção - MN, Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 Junho 1910, ZEP, DG 272 de 22 Novembro 1957

Enquadramento:

Urbano. Isolado. Em pequeno morro, destacando-se do aglomerado, desenvolvido numa cota mais baixa, pela existência de um amplo espaço não urbanizado, parcialmente relvado, que envolve praticamente toda a construção. Passadiço de madeira transpõe o espaço relvado e conduz o visitante pelo meio dos cubelos da antiga barbacã, onde ficava uma porta, ao interior da praça de armas. O castelo destaca-se na paisagem, sendo visível de várias freguesias ao redor e da torre de menagem avista-se toda a povoação e parte do planalto barrosão.

Descrição:

Troço de muralha, robusta, de aparelho "vittatum", de perfil circular irregular, em volta da antiga praça de armas, interiormente percorrida parcialmente por adarve, em algumas zonas protegido por gradeamento de ferro; interliga duas torres e dois cubelos, de planta quadrangular, de diferentes dimensões e alturas, conhecidas por torre de menagem,

"furada", do "relógio" e "pequena". A SE., conserva uma das duas portas que possuía, com cerca de dois metros de largura e quatro de altura, em arco quebrado, de aduelas irregulares, assente nos pés-direitos. A torre de "menagem", a mais alta, implanta-se a N., tem as fachadas percorridas por embasamento mais saliente, rematadas por merlões pentagonais, e é coberta por telhado de telha de quatro águas, à volta do qual possui caminho de ronda exterior. As fachadas são rasgadas por seteiras estreitas, desalinhas, e no andar superior, por quatro balcões de perfil curvo nos ângulos, e ao centro das fachadas N., S. e E. por balcões rectangulares, todos com mata-cães, assentes em mísulas alongadas e escalonadas e coroados por merlões pentagonais. Na fachada E., abre-se ao nível do primeiro piso, sobrelevado, portal de arco quebrado, de largas aduelas assente nos pés-direitos, possuindo frontalmente sacada comprida, composta de três molduras largas boleadas escalonadas, com guarda metálica, precedido por escada de ferro. INTERIOR de quatro pisos; o primeiro, correspondente ao da entrada, é amplo, possui pavimento em lajes de cantaria granítica e escadas de madeira de acesso ao piso superior; este é coberto por abóbada, tem em cada uma das paredes uma seteira e complexo sistema de escoamento das águas infiltradas, com canalizações em pedra que conduzem as águas para o exterior da torre; o terceiro piso apresenta pavimento de pedra e escada de acesso parcialmente embutida na abóbada do piso inferior; no último piso, abrem-se nas paredes, de 3 m. de espessura, corredores estreitos de acesso aos sete balcões; cobertura com travejamento de madeira aparente, tendo alçapão para aceder ao caminho de ronda. A torre "furada", mais baixa, implanta-se no lado S., acompanhando interiormente o perfil curvo da muralha, é coroada por ameias pentagonais, cobertura em telhado de quatro águas, possuindo algumas gárgulas circulares. As fachadas são rasgadas por várias seteiras estreitas descentradas; na fachada interna, rasga-se no primeiro piso, ao nível da praça de armas, portal de arco de volta perfeita, de aduelas largas assente nos pés-direitos, e no segundo piso, ao nível do adarve, mas sem comunicação com o mesmo, portal em arco de volta perfeita, sobre impostas salientes e com tímpano esculpido por cruz de Cristo. Interiormente tem marcação de três pisos, mas os soalhos estão destruídos. Os cubelos, do "relógio" e "pequena" são maciços até cerca de sete metros acima do nível do solo, a partir do qual possuem um único piso, correspondendo interiormente a espaço único, com cobertura em telhado de quatro águas, sendo acedido através do adarve, por portal de arco quebrado assente nos pés-direitos; as fachadas não possuem qualquer coroamento e o adarve tem acesso por escada de pedra desde a praça de armas. No interior da antiga praça de armas, de planta circular, junto à muralha no enfiamento da torre do relógio, abre-se no afloramento rochoso uma cisterna, de planta quadrangular, com vinte e cinco metros de profundidade, protegida por gradeamento de ferro, e com acesso através de uma escada

que se desenvolve no seu perímetro. Sensivelmente a NO e num plano inferior do morro, subsistem vestígios a nível de alicerces de dois cubelos, de planta circular, possuindo a meio vão de antiga porta, que integravam a antiga barbacã, a qual se ligava à torre de menagem e à muralha, e se disponda fronteira à porta aberta a N.; cada um destes cubelos conserva seteiras cruciformes conjugadas com buraco. Das duas linhas de muralhas que circundavam o castelo, conserva-se apenas parte de uma delas, visível entre N. e S. devido ao pendor do terreno, e os fossos encontram-se actualmente entulhados.

Utilização Inicial - Militar: Castelo

Utilização Actual - Marco histórico-cultural: castelo (com acesso livre e torres temporariamente fechadas)

Propriedade - Pública: estatal

Afectação - IPPAR, DL 106F/92, de 01 Junho

Época de Construção - Séc. 14 / 16

Arquitecto / Construtor / Autor - Arqs. António Portugal e Manuel M. Reis (projecto de revitalização e Salvaguarda).

Cronologia:

Idade Média, até - a zona da vila era povoada apenas por pastores; 1273, 9 Junho - concessão de Foral a Montalegre por D. Afonso III, verificando-se que o castelo ainda não existia, pois declara-se: "vos povoadores deveis dar à minha escolha un cavaleiro fidalgo natural do reino que vença 500 soldos, o qual me faça homenagem do meu Alcácer quando aí o edificar e o mesmo cavaleiro deve aí ser meu Alcaide-mor"; a partir desta data, inicia-se o povoamento de Montalegre; 1281, 24 Abril - já se encontrava construído o castelo de Montalegre, pelo menos parte, pois na carta de arras para D. Isabel, D. Dinis arrolava os bens dotais à princesa de Aragão, sua noiva, oferecendo 12 castelos, entre os quais figurava o de Montalegre; 1289 - confirmação e renovação do Foral por D. Dinis; 3 Janeiro - carta de D. Dinis mandando Pedro Anes, seu clérigo, povoá-la como quisesse, visto a póvoa ter ficado erma no incêndio durante a guerra com Castela; ordenou-se que dividissem os herdamentos da vila por co-povoadores todos de novo, assim como fora da primeira vez, e que dessem cada ano ao rei 100 marevedis velhos; o facto do povoamento nesta altura se fazer sob iniciativa do clérigo, leva a supor que não existia alcaide no castelo; durante o reinado de D. Dinis inicia-se a construção da torre de menagem; 1327 - carta de D. Afonso IV informando que os moradores de Montalegre lhe enviaram dizer que D. Dinis, quando povoou o lugar lhe dera foro, contido numa carta datada de 3 Janeiro de 1289; 1331 - reedificação do castelo por D. Afonso IV, conforme inscrição existente na torre do relógio que diz: "R. Alf. 4 AN 1331"; 1340, 26 Junho - confirmação do Foral dado por D. Afonso IV; 1383 -

Montalegre apoia o partido castelhano na crise dinástica; 1515 - Foral novo dado por D. Manuel; 1540, cerca - foi alcáçova de Lançarote Gonçalves, homem que acabou sendo condenado a 5 anos de degredo "com cinco legoas a redor" e "nom o quebrem o dito degredo sob pena de morte natural e perdimento de bees"; 1580 - data de uma inscrição assinalando reforma do castelo pelo licenciado Manuel Antunes de Viana para o preparar para a guerra da Restauração; séc. 17 - construção de fortaleza, segundo o sistema, Vaubean, envolvendo o castelo medieval e a antiga Igreja Paroquial; 1715, 30 Setembro - alvará determinando que a guarnição do castelo era de duas companhias e governador; 1755, 1 Novembro - segundo as Memórias Paroquiais, apenas caiu uma ameia do castelo; 1758 - descrito nas Memórias Paroquiais pelo Pe. Baltazar Pereira Barroso; segundo este, todos os meses vinham da vila de Chaves para o castelo nove soldados, um cabo e um sargento; no muro do castelo havia sete cavaleiros onde se punham as peças de artilharia para defesa da praça, mas quando acabarem as guerras, mandaram-se conduzi-las para a praça de Chaves; 1762 - data de uma planta do castelo e fortaleza, existente na Real Academia de História em Madrid; 1875 - segundo Pinho Leal, as duas linhas de muralhas e fossos que circundavam o castelo já se encontravam demolidas; séc. 19, finais - provável colocação de relógio circular no cubelo maior, virado à vila, levando a que passasse a ser designado por torre do relógio.

Tipologia:

Arquitectura militar, medieval. Castelo de planta circular irregular, de que conserva apenas parte da sua muralha, rasgada por uma porta de arco quebrado, integrando uma torre e dois cubelos quadrangulares e a torre de menagem, também de planta quadrada, tendo no piso superior balcões circulares nos ângulos e rectangulares ao centro das fachadas, com matacões e coroados por merlões pentagonais.

Características Particulares:

Troço de castelo gótico, cuja muralha, há muito sem o remate terminal, era inicialmente rasgada por duas portas, uma virada a N. e outra a SE., a única actualmente existente, de arco quebrado. A torre de menagem surge já integrada no circuito muralhado, rasgado por seteiras estreitas a abrirem para o interior, com o primeiro pavimento sobrelevado, acedido por portal de arco quebrado, e possuindo interiormente quatro pisos, um deles abobadado e o último com túneis de acesso aos balcões curvos que se dispõem nos quatro cunhais e rectilíneos no centro de três fachadas, todos com matacões, conferindo grande riqueza decorativa à torre. Na muralha integra-se ainda uma outra torre, com portal ao nível da praça de armas e ao nível do adarve, este actualmente sem função e possuindo arco de volta perfeita sobre impostas e com tímpano decorado, de feição mais antiga, e dois cubelos, de tamanho desigual com acesso pelo adarve. Da antiga barbacã que protegia o portal virado a N. restam apenas vestígios ao nível dos alicerces dos dois

cubelos circulares que a reforçavam, das duas linhas de muralhas, com fossos, que o circundavam resta só um troço de uma das linhas e da fortaleza seiscentista com o sistema Vaubean nada subsiste. A cisterna existente na praça de armas é extremamente profunda e alarga no fundo, onde é coberta por abóbada. O castelo de Montalegre integra-se na segunda linha de defesa da fronteira N., das de mais fácil acesso ao país. O alcaide de Montalegre, de acordo com o primeiro Foral dado por D. Afonso III, era eleito pela população, constituindo um caso raro e original.

Dados Técnicos - Estrutura autoportante.

Materiais - Paredes em cantaria de granito; pavimentos em lajes e soalho de madeira; guardas em ferro; portas de madeira; coberturas em telha de barro sobre travejamento de madeira.

Bibliografia:

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho, Portugal Antigo e Moderno, vol. 4, Lisboa, 1875; GIL, Júlio e CABRITA, Augusto, Os mais Belos Castelos de Portugal, Lisboa, 1986; BAPTISTA, José Dias, O Castelo de Montalegre, Montalegre, 1996; BORGES, José G. Galvão, Montalegre no Dicionário Geográfico, in Revista Aqvae Flaviae, nº 23, Junho, Chaves, 2000, p. 63 - 78; VERDELHO, Pedro, Roteiro dos Castelos de Trás-os-Montes, Chaves, 2000; GOMES, Rita Costa, Castelos da Raia. Trás-os-Montes, vol. 2, Lisboa, 2003.

Documentação Gráfica - DGEMN: DSID, DREMN; Real Academia de la Historia, Madrid: Plano del Castillo de Montalegre, 1762, R. 204, Sign. C/1 c10 p.

Documentação Fotográfica - DGEMN: DSID, DREMN

Documentação Administrativa - DGEMN: DSID, DREMN

Intervenção Realizada - DGEMN: 1980 - obras de beneficiação; 1981 / 1983 - beneficiação do pavimento em lajedo dos torreões, tratamento do pavimento, de muralhas exteriores, beneficiação da torre de menagem; 1984 - trabalhos de beneficiação da torre Nascente, carpintarias; 1985 - instalação eléctrica; 1988 / 1990 - adaptação a Museu; beneficiação na torre de menagem; Câmara Municipal de Montalegre / IPPAR: 1997 / 1998 - obras de recuperação e valorização.

Observações:

Em 1758, a vila encontrava-se murada, mas com muros de "pouca consideração", não tendo na parte fronteira ao castelo muros alguns, mas tendo, à distância de um tiro de mosquete, a fortaleza da vila, cujos muros tinham em circuito 730 passos. Era das fortalezas mais bem seguras e quase inexpugnável devido à sua implantação, num cabeço de um monte. Tinha fossos ao redor dos muros e contra muralha e esplanada,

que era tão íngreme que de nenhuma parte se podia subir a pique. Frente à porta principal, do lado O., tinha um revelim que encobria também a maior parte da estrada que vinha para a vila, e tinha à volta fossos. Contra a muralha e por cima desta, tal como na outra que também rodeava os muros, existiam grossas e altas estacas em duas ordens que fechavam esta estacada nas pontas do muro da vila, impedindo assim a entrada na fortaleza e nas portas dos muros. Tinha três portas, rasgadas a N., a O. e outra a E., havendo ainda entre as duas últimas um postigo. A "fortaleza" constava de um alto e magnífico "castelo", ou seja a torre de menagem, toda de cantaria, de paredes grossas e betumadas, com quatro andares, sendo o primeiro de pedra, o terceiro de abóbada e o segundo e quarto de madeira, estando então estes tão arruinados que não se utilizavam e só serviam de abrigo a algumas aves nocturnas e de rapina. Segundo o Padre Baltazar Pereira Barroso, a torre não resistiu a um raio, que lhe derrubou o cunhal N. até ao sítio onde estava a guarita daquele lado; em cada um dos outros cunhais tinha sua guarita, como também em cada um dos lados. Tinha três torres, a mais pequena era a da pólvora e estava sem qualquer deterioração, as outras duas tinham os sobrados totalmente arruinados, tal como os telhados e a estacaria dos muros e contra muralha. Cingiam as torres um alto e grosso muro tendo de circuito 130 passos. No terreiro do castelo - a praça de armas -, erguiam-se as casas do Governador, para E. outras casas arruinadas, alguns fornos de cozer pão e um grande "poço", - a cisterna -, quadrada, feita de cantaria com escadas até ao fundo da mesma, tendo de profundidade 190 palmos até à água e desta para baixo talvez outro tanto; possuía um arco de "abobeda" não visível do cimo, que alarga o poço a E., feito a pedra "rota a fogo". Do terreiro, a N., partia uma escada de pedra, exteriores ao muro, e que acedia a um caminho amplo no cimo do muro - o adarve -, tendo a toda à volta guardas que davam pelo peito e todas com ameias, e conduzia a cada uma das portas das torres; para a de menagem descia-se por escada firmada no muro a Noroeste, tendo alguns degraus arruinados pela queda de pedras da parte E. da torre devido a um raio que a atingiu. Do lado das casas do Governador e no muro que cinge as torres havia vestígios de uma outra escada para o adarve. Para nascente este muro tinha um postigo, por onde se saía para o terreiro da fortaleza e para Nordeste e ao pé da torre de menagem ficava a porta principal por onde se entra nas casas do Governador e praça de armas onde elas se implantavam. Fora desta porta entre duas meias laranjas bem formadas e seguras tendo inferiormente "esconderijos com seus orifícios para se pelejar", as seteiras. A poucos passos estava outro muro que "atava" o da fortaleza por cima do corpo da guarda, que tinha duas portas, uma a N. e outra a O. Tinha excelente Corpo da Guarda e bons quartéis para os soldados, casas para os oficiais e sargento, a deste achava-se dentro do Corpo da Guarda, e boas cavaliças. O Padre Baltazar Pereira Barroso conclui as suas Memórias

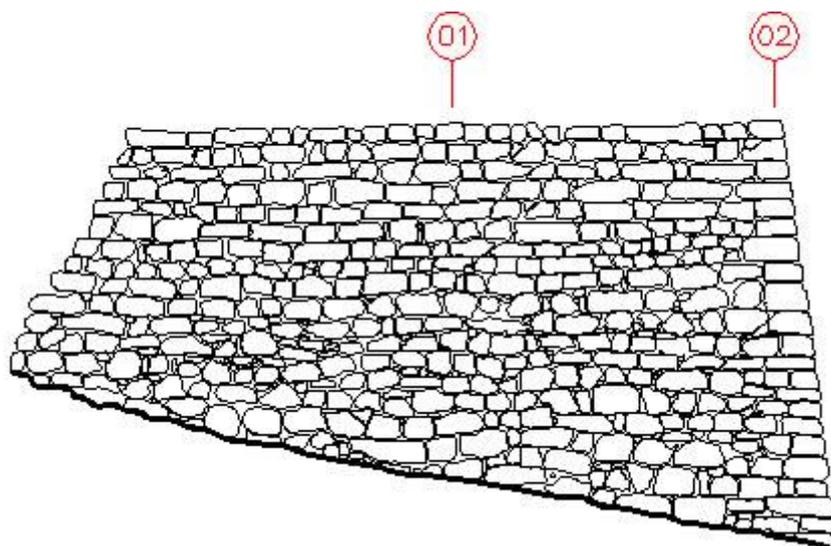
dizendo que a planta da vila e castelo era quase quadrada, sendo porém mais cumprida para N.

Vide SERENO, Isabel – *Inventário do Património Arquitectónico – Castelo de Montalegre* [on-line], 1994; Actualizado por Noé, Paula, 2004. Disponível em: <http://www.monumentos.pt/scripts/zope.pcgi/ipa/pages/ficha_ipa?nipa=1706150003>

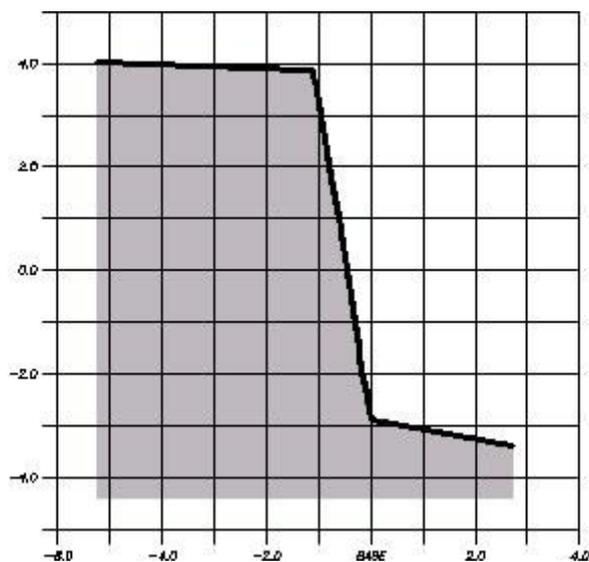
2. Exemplo de um mosaico da zona plana da muralha com duas fotografias rectificadas:



O mesmo alçado em vector:



Um dos cortes assinalados no alçado anterior:



Vide NÃO INDICA AUTOR - *PrintCAD – Informática, Lda.* [on-line]; Actualizado em 2005.
Disponível em: <<http://www.printcad.pt/topografia/montalegrop.htm>>